

## ENSINO DE QUÍMICA PARA DEFICIENTES VISUAIS NO IFPB CAMPUS JOÃO PESSOA

Emerson Gonçalves Moreira

Orientadora: Alessandra Marcone Tavares Alves de Figueiredo

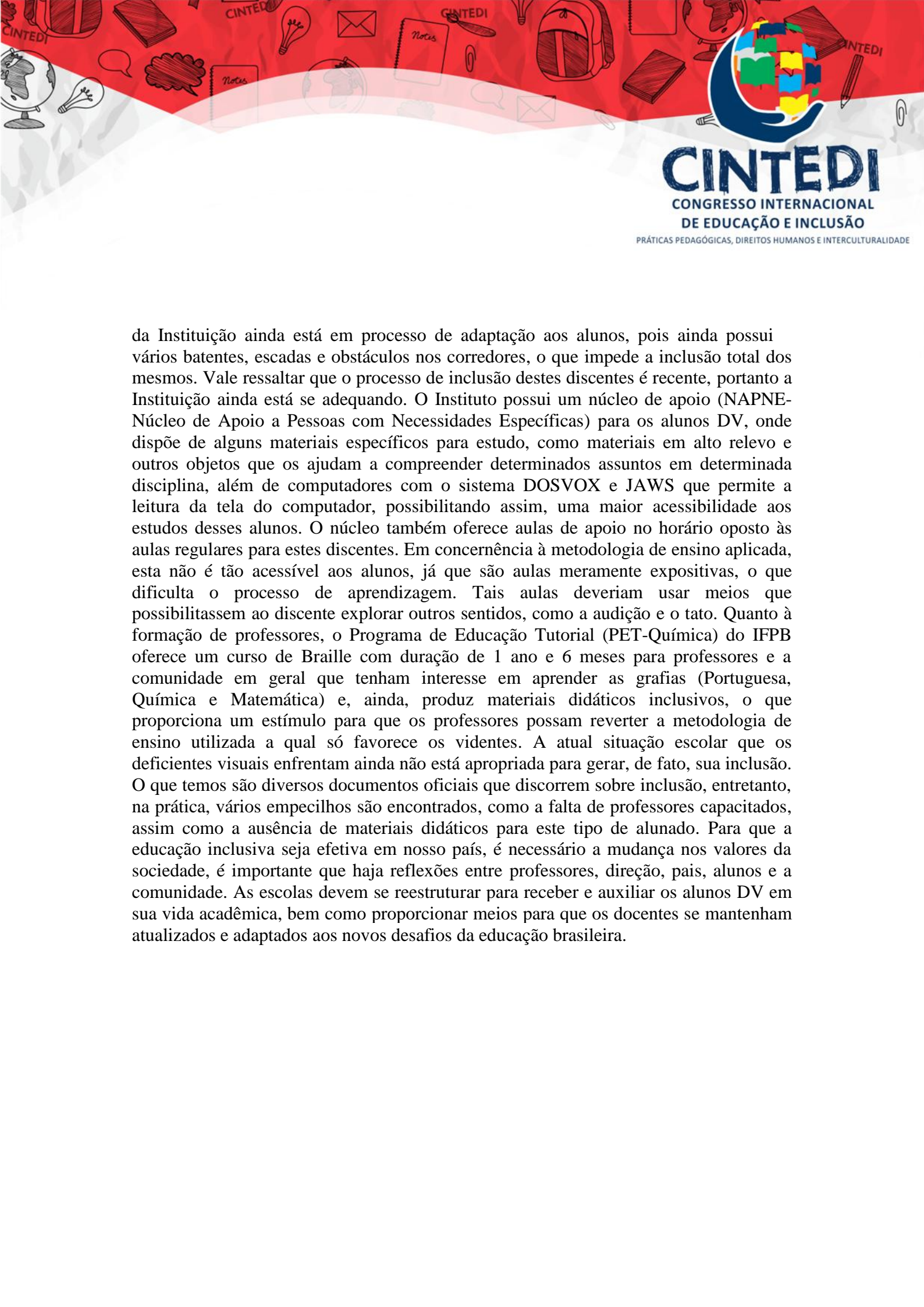
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, *campus*, João Pessoa

emergmoreira@gmail.com

alessandratavaresfigueiredo@ifpb.edu.br

**Palavras-Chave:** educação inclusiva; deficiência visual; material didático.

A presente pesquisa foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) *campus* João Pessoa e teve como objetivo refletir sobre algumas questões importantes relacionadas ao ensino de Química para alunos deficientes visuais (DV), avaliando os materiais didáticos, formação dos professores e as metodologias empregadas para o ensino dessa disciplina neste contexto. A Educação Inclusiva garante aos discentes que apresentam algum tipo de deficiência os mesmos direitos de seus colegas ditos “normais”. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) propõe a inclusão escolar em todas as modalidades de ensino, preferencialmente na rede regular. O censo realizado em 2010 aponta que cerca de 35,7 milhões de pessoas possuem deficiência visual, que corresponde a 18,6% das ocorrências de deficiências no país. Não obstante, esses números representam uma parcela expressiva da população brasileira, no entanto, lamentavelmente, estes dados não refletem a real situação nas salas de aula do Ensino Regular. Neste sentido, a falta de inclusão de alunos DV, em Escolas Regulares, torna-se mais proeminente para com a disciplina Química, pois esta propõe aos alunos conhecimentos que permitam um maior entendimento dos fenômenos presentes no dia a dia. O ensino de Química para deficientes visuais tornou-se um desafio devido a falta de formação dos professores para lidar com alunos que apresentam esta deficiência e a escassez de recursos didáticos que possam facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Entretanto, a deficiência visual não pode ser um obstáculo para afastar os discentes DV do aprendizado desta Ciência, portanto, torna-se de fundamental importância um bom planejamento das aulas por parte dos docentes, bem como a produção de materiais didáticos que explorem os diversos sentidos sensoriais e, sobretudo, o tato, um dos sentidos mais aguçados pelos DV. O desenvolvimento deste estudo baseou-se em entrevistas realizadas com os alunos e professores de Química do Ensino Médio da referida Instituição. Para que um aluno deficiente consiga ser incluído efetivamente no processo educacional, são necessárias quatro condições fundamentais: a infraestrutura, o material didático, a metodologia de ensino e a formação dos docentes. A infraestrutura



da Instituição ainda está em processo de adaptação aos alunos, pois ainda possui vários batentes, escadas e obstáculos nos corredores, o que impede a inclusão total dos mesmos. Vale ressaltar que o processo de inclusão destes discentes é recente, portanto a Instituição ainda está se adequando. O Instituto possui um núcleo de apoio (NAPNE- Núcleo de Apoio a Pessoas com Necessidades Específicas) para os alunos DV, onde dispõe de alguns materiais específicos para estudo, como materiais em alto relevo e outros objetos que os ajudam a compreender determinados assuntos em determinada disciplina, além de computadores com o sistema DOSVOX e JAWS que permite a leitura da tela do computador, possibilitando assim, uma maior acessibilidade aos estudos desses alunos. O núcleo também oferece aulas de apoio no horário oposto às aulas regulares para estes discentes. Em concernência à metodologia de ensino aplicada, esta não é tão acessível aos alunos, já que são aulas meramente expositivas, o que dificulta o processo de aprendizagem. Tais aulas deveriam usar meios que possibilitassem ao discente explorar outros sentidos, como a audição e o tato. Quanto à formação de professores, o Programa de Educação Tutorial (PET-Química) do IFPB oferece um curso de Braille com duração de 1 ano e 6 meses para professores e a comunidade em geral que tenham interesse em aprender as grafias (Portuguesa, Química e Matemática) e, ainda, produz materiais didáticos inclusivos, o que proporciona um estímulo para que os professores possam reverter a metodologia de ensino utilizada a qual só favorece os videntes. A atual situação escolar que os deficientes visuais enfrentam ainda não está apropriada para gerar, de fato, sua inclusão. O que temos são diversos documentos oficiais que discorrem sobre inclusão, entretanto, na prática, vários empecilhos são encontrados, como a falta de professores capacitados, assim como a ausência de materiais didáticos para este tipo de alunado. Para que a educação inclusiva seja efetiva em nosso país, é necessário a mudança nos valores da sociedade, é importante que haja reflexões entre professores, direção, pais, alunos e a comunidade. As escolas devem se reestruturar para receber e auxiliar os alunos DV em sua vida acadêmica, bem como proporcionar meios para que os docentes se mantenham atualizados e adaptados aos novos desafios da educação brasileira.